A Medicina no seculo XIX

Neste ensaio já publicado por "O Estado de S. Paulo" em 1901, quando se fez uma retrospectiva do século XIX, o doutor BETTENCOURT RODRIGUES analisa o desenvolvimento da medicina até 1900, destacando as conquistas e as investigações realizadas até então.

A medicina é a arte de curar, ou, como diz o velho Homero, a arte de acalmar com doces, medicamentos as negras dores. Diretamente subordinada à fisiologia que dela provém, mas que com ela se confundiu, a medicina foi por muito tempo considerada, não só como a arte de curar, mas bem mais do que tal, como a única, a verdadeira, a nobre ciência da Vida.

A biologia, tardando em conquistar o alto lugar que lhe compete na hierarquia das ciências, torturada, nas mãos dos médicos, pelas exigências de princípios e doutrinas, que caracterizaram as diferentes seitas filosóficas, não foi mais, até começos do passado século, do que um emaranhado tema para controversias, oscilando indecisa entre o vitalismo e o animismo dos espiritualistas e o solidismo e o organicismo da mais extremada escola materialista.

Médicos e doutrinadores, empíricos e dogmaticos, esgrimindo num mesmo terreno e sacrificando à especulação filosófica os dados da observação e da experiência, só procuravam amoldar os fatos às doutrinas, engenhando hipóteses ou formulando teorias mais ou menos complexas, mais ou menos sutís, ao envez de se cingirem à análise rigorosa dos fatos e à averiguação minuciosa das leis que os regem e determinam. Ultrapassando os limites das hipóteses averiguáveis, sem a menor idéia ainda da imanencia da vida na substancia organizada, hesitantes durante séculos entre forças extrínsecas e forças materiais, já conhecidas, ou fizeram da vida um caso particular da metafísica, um simples divertículo da física, ou um capítulo a mais da mecânica.

Como os astrólogos que, antes de Newton, atribuiam os movimentos dos corpos celestes ou a espíritos que os moviam, ou a um mecanismo grosseiro, como o dos turbilhões, sem se lembrarem que eles dependem apenas de uma força imanente à matéria, a gravidade, assim também (diz Littré) os biologistas de então ou recorriam as forças sobrenaturais, ou a simples leis físico-químicas para explicarem os mais complicados, como o sentimento e o pensamento.

Ora é este embate de opiniões entre a metafísica e a física e cujo rumor se propagou até começos do décimo nono século, que ficará na história da evolução do espírito humano com a característica dominante da filosofia médica e biológica, no decurso dos séculos XVII e XVIII.

Ainda não devidamente diferenciadas, biologia e medicina, como uma mesma náu sem leme, vão penosamente singrando, batidas do vento e das vagas, num verdadeiro dilúvio de hipóteses e sistemas: iatroquimia de Sylvius e de Thomas Willis, iatromecanismo de Boerhave e Borelli, archea de Van Helmont, animismo de Stabl e vitalismo de Bordeu e Barthez.

Mas não foi com este amontoado de sistemas e doutrinas, mas na escola mais fecunda da observação e da experiencia, que se constituiu o legado de descobertas e dados positivos, de que ainda hoje beneficiam a arte e a ciência médica, escola que, em remotas épocas, produziu Hippocrates, Erasistrato, Herophilo e Galeno e que, depois do longo e escuro eclípse medieval e de um extenso período de superstição e misticismo, produziu André Vesale e Paré, no século XVI, Thomas Sydenham, no século XVII, e, no século XVIII, Haller, o experimentador audaz, Auenbrugger, o autor da percussão torácica e Jenner, o grande e imortal autor da vacina. E não foi pela comparticipação dos médicos nessas lutas estereis dos filósofos que Hervey foi levado, no começo do século XVII, à descoberta da circulação sanguínea e que, dos trabalhos de Aselli e Pecquet, se chegou ao conhecimento da circulação chilifera.

É que, livres de todo o jugo doutrinário, eles puderam mais refletidamente procurar o que só a observação direta e despreocupada dos fatos lhes poderia ensinar a fornecer.

Por isso foi também que, no século XVII, enquanto a medicina, mal à vontade num ambiente abafadiço de acaloradas discussões, dificilmente vingava, a anatomia foi lenta mas seguramente florescendo com os trabalhos de Ruys, na Holanda, de Bartholin, na Dinamarca, de Brunner e Payer na Alemanha, de Havers e Warton, na Inglaterra, de Riolan, Vieussens e Duvernay, na França e de Lancisi, na Itália; da mesma maneira que, no século XVIII, se destacam, em luminoso relevo, os vultos de anatomistas como Monro e Hunter, na Inglaterra, Lieberkunn, Wrisbeg, Meckel e Soemmering, na Alemanha, Vicq d'Azir, Lieutaud, Sénac e Portal, na França, Pacchioni, Valsalva, Santorini e Scarpa, na Itália, e, sobrelevando a todos, Morgnagni, que, estabelecendo definitivamente a relação de causa a efeito entre a lesão orgânica e a perturbação funcional, foi o verdadeiro creador da anatomia patológica e o ilustre percursor de Pinel, Bichat e Broussais, que, logo ao alvorecer do século XIX, dando um novo impulso e uma nova orientação ao estado da medicina e da biologia, inauguravam brilhantemente uma nova era científica, que ficará na história da evolução do espírito humano como uma das mais radiosas, das mais fecundas e das mais benéficas para a humanidade.

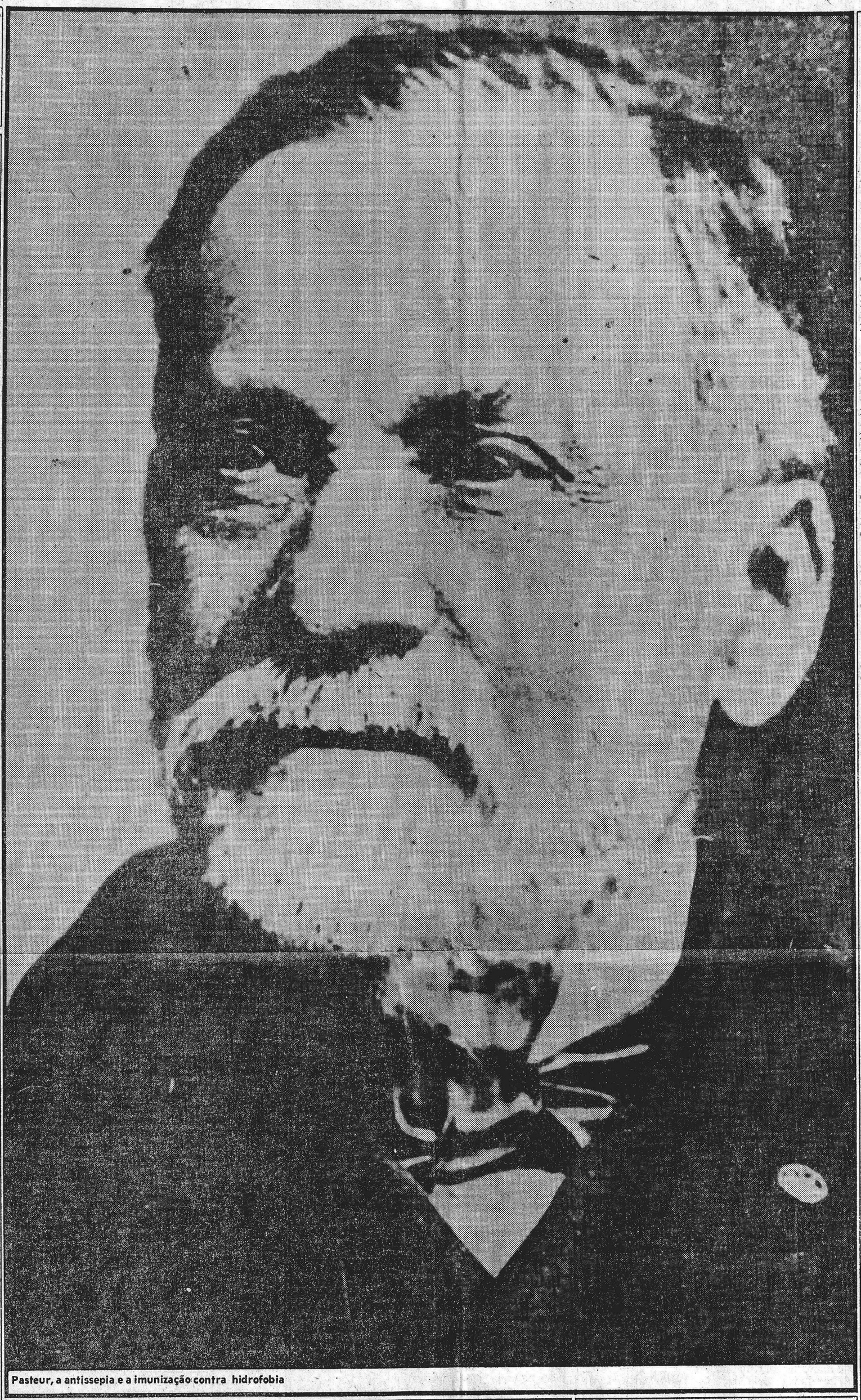
PINEL que, inspirado nas idéias filantrópicas da Revolução francesa e guiado por uma mais exata compreensão da loucura, reformou por completo o regime dos alienados, libertando-os das algemas dos manicomios e do açoute dos carcereiros, foi o primeiro desse glorioso triunvirato que deu um nobre e arrojado exemplo de indómita insubmissão à tutoria das velhas hipóteses, proclamando bem alto que a observação e a experiencia são as únicas e seguras bases de toda a medicina científica.

Mas foi mais longe ainda; e, insistindo sobre a necessidade de se distinguir, no estado de doença, a natureza e endependência anatômica dos diferentes tecidos lesados, Pinel, não só alongou o alcance às previsões de Morgnagni, como indicou e preparou o terreno às concepções geniais de Bichat.

E foi da generosa França, em cujo seio fecundo se elaboraram as mais notáveis descobertas médicas do século que findou, que irradia a primeira luz que mais tarde há de iluminar, como um clarão de apoteose, a arte clínica de Laennec e Charcot, a ciência esperimental de Bernard a filosofia médica de Bouchard, e, no apogeu da glória, a microbiologia de Pasteur.

Não podia raiar mais promissoramente a aurora do século XIX. Dir-se-ia que o espírito revolucionário dos herois de 89 penetrara na consciência universal e que a razão humana, liberta dos antigos preconceitos de escola, atingira finalmente a sua idade de emancipação e alforria.

Os trabalhos de renovação científica sucedem-se com vertiginosa rapidez. À Nosografia filosófica de Pinel sucedem-se, num curto intervalo de tempo, o Tratado das membranas, a Anatomia geral, as Investigações fisiológicas sobre a vida e a morte, de Bichat, o Tratado das flegmasias crônicas o Exame das doutrinas médicas e a Teoria da irritação e da loucura, de Broussais.



Pasteur, a antissepia e a imunização contra hidrofobia

* * *

BICHAT! Espírito essencialmente sintético e generalisador, mas ao qual não repugnavam as minúcias da mais rigorosa análise, colhendo o que havia de aproveitável na obra de seus predecessores e mormente de Vicq d'Azir, Haller, Morgnagni e Pinel, Bichat edificou toda uma nova doutrina médica, unicamente baseada na anatomia normal e patológica e na statica e na dinâmica do organismo, tanto no estado de saúde, como no estado de doença. Reconhecendo que o organismo é constituído por um certo número de tecidos primitivos, descreveu vinte e uma variedades; tecido muscular, tecido nervoso, tecido celular, etc., cuja estrutura e propriedades físicas e vitais são sempre as mesmas, em qualquer ponto onde eles se encontrem.

Nas doutrinas de Bichat, a despeito do muito que nelas houve a corrigir e a eliminar, alguma coisa, no entanto, persiste de superior, desafiando a ação do tempo e da crítica, — o método e a orientação.

Mesmo na construção da sua teoria metafísica das forças vitais foi ele, sem dúvida, afirma Comte, o primeiro que introduziu na ciência, sob o rótulo de propriedades dos tecidos, uma concepção do mais alto valor, destinada a arruinar completamente todas as concepções ontológicas e a preparar a inteira positividades das noções elementares da fisiologia, substituindo à antiga idéia de força a simples idéia de propriedade.

A sua teoria, ao mesmo tempo que atenuou as doutrinas metafísicas de Stabl e Barthez, foi o prelúdio de uma completa reforma, fornecendo simultaneamente o germem e o exemplo de duas concepções puramente positivas, uma nos domínios da fisiologia e outra nos domínios da anatomia, consistindo a primeira na distinção entre a vida orgânica ou vegetativa e a vida animal, distinção que forma a base da sã filosofia biológica, e consistindo a segunda na grande teoria dos tecidos elementares que é, em biologia, o equivalente científico da teoria molecular em físico-química (A. Comte).

E tal é, muito sucintamente, a obra genial de Bichat.

BROUSSAIS, que, n'alguns pontos, refundiu e completou a obra de Bichat, caracterizou-se sobretudo pela sua impetuosidade na luta. Discípulo e depois inimigo de Pinel, detrator irreconciliável dos trabalhos de Laennec, o que todavia nunca ninguém lhe contestou foi a extrema sinceridade e excepcionalíssimo ardor das suas convicções, o que fez, e não sem razão, que muitos o comparassem ao vulto revolucionário de Danton.

Foi ele o primeiro a combater a doutrina da essencialidade das febres e da especificidade das doenças.

Estas, outra coisa não são mais do que o doloroso grito de um órgão em sofrimento e a expressão de um desarranjo nas suas funções.

A causa quase que exclusiva das doenças reside na inflamação, processo fisiológico que realiza o organismo quando se acha submetido à influência das irritações exteriores (doutrina da irritação e da inflamação). A inflamação é tudo e tudo explica e a gastro-enterite a sua forma mais frequente.

Não há dúvida alguma, (dizia), que o cancro do estomago, de que morreu Napoleão, teria sarado se o glorioso general e imperador se tivesse confiado aos cuidados de um médico fisiologista, que o submetesse ao tratamento debilitante das sangrias e antiflogisticos.

Pondo de parte os exageros da sua doutrina e os resultados, tantas vezes desastrosos, da sua terapeutica desapiedada, o que é certo é que o nome de Broussais ficará na história da ciência como um dos vultos primaciais da medicina do século XIX.

O único exemplo eminente que eu conheço (diz Comte) de uma hipótese judiciosa em biologia é justamente essa de Broussais, que assinala como sede das pretendidas febres essenciais a membrana mucosa do intestino. Que ele se enganasse ou não, pouco importa. Mas o que é certo é que tal hipótese, sendo acessível a uma exploração irrecusável, devia, confirmada ou infirmada, dar um grande impulso ao estudo positivo da patologia, ficando na história do espírito humano como o primeiro exemplo da introdução espontânea no estudo dos seres vivos, da arte das hipóteses racionais.

Mas, abandonando agora o terreno das doutrinas, que tão longe nos levaria, vejamos e resumidamente, porque para mais o espaço nos escacearia, quais as descobertas e aperfeiçoamentos mais notáveis na clínica e na arte de curar, isto é, na patologia e na clínica, durante o século que decorreu.

* * *

Ao entrar nestes vastos e ferteis domínios da medicina aplicada, o vulto que mais alto se impõe ao nosso reconhecimento e à nossa admiração é, sem dúvida alguma, LAENNEC, que, com a descoberta da auscultação mediata, um dos mais belos florões da medicina moderna, se coloca, diz com razão Littré, na gloriosa fileira dos genios os mais inventivos e dos homens os mais eminentes da Ciência.

Com o seu tratado da auscultação mediata e das doenças do pulmão e do coração ele funda, por assim dizer, toda a patologia pulmonar, a dilatação dos brónquios, as doenças valvulares destacam-se tanto no ponto de vista dos sintomas, como no ponto de vista das lesões, do nebuloso caos das afecções respiratórias e cardíacas, onde tanto se embaraçaram os clínicos e patologistas da geração anterior. Masis segura e elucidativa que a percussão imediata de Auenbrugger e Corvisart, a auscultação estetoscópica de Laennec abre novos horizontes às investigações da clínica, ao mesmo tempo que nos permite o diagnóstico topográfico e anatômico da lesão e, quantas vezes também, nos consente averiguar da própria natureza da doença, como nos casos de manifestações meningíticas, de exsudados peritoneais e de muitas outras complicações alarmantes de uma tuberculose, que se generaliza ou disfarça.

Ilustrada ainda com os trabalhos de Bertin e Bouillaud (endocardite rumatismal) e facilitada pelo emprego do estetoscopo, a patologia cardíaca atinge o máximo dos seu desenvolvimento com as investigações clínicas de Durosiez, Bucquoy, Huchard, e Potain. Completa-se a história clínica e anatomo-patológica das pericardites e Senhouse Kirkes, apercebendo-se das estreitas relações que existem entre as lesões endocardiacas e o estado geral grave dos doentes, cria definitivamente o grupo das endocardites infecciosas.

Ludwig, Helmoltz, Viérordt, na Alemanha, Chauveau, Faivre e Marey, na França, aplicam o método gráfico ao estudo dos movimentos do coração e das arterias e, graças ao cardiografo, ao signometro de Potain, já hoje o médico pode registrar até as mínimas alterações do ritmo e da energia funcional desses órgãos.

O arsenal clínico enriquece-se com os mais engenhosos instrumentos de diagnose, inventa-se o espectroscopo, o hemoglobino-metro, o hematimetro. O oftalmoscopo de Helmoltz dilata consideravelmenge os progressos da oftalmogia; aperfeiçoa-se o laringoscopo: o estesiometro esclarece-nos sobre os mais pequenos desvios da sensibilidade; como o avaro com a lanterna em busca de um tesouro, vamos nós, com o cistoscopo, até ao fundo da bexiga em demanda de um cálculo; mede-se com o aparelho de Helmotz a velocidade da corrente nervosa; e, como se tanto não bastasse, aproveitando na clínica a descoberta de Rontgen, a nossa vista enxerga, como pela transparência de um vidro, o mais denso, o mais intimo, o mais recondidto do organismo humano.

A física e a química prestam à medicina um mais discreto e judicioso auxílio.

Wasmann, de Berlim, isola a pepsina do suco gástrico. CLAUDE BERNARD fixa a natureza e a ação do suco pancreatico e, em 1852, data memorável na ciência, descobre a função glicogenica do fígado, de tão vasto e extraordinário alcance para a interpretação clínica e fisio-patológica de alguns dos grandes processos mórbidos sobe que assenta a patologia geral.

Faltam-me o espaço e o tempo para, numa tão fugidia e deficiente resenha dos principais progressos e cometimentos da medicina, no século XIX, assinalar devidamente a influencia preponderante que Bernard exerceu, na ciência e na filosofia contemporanea, com os extraordinários recursos da sua técnica admirável e com a agudissima e penetrante sagacidade dos seus métodos e processos de experimentação e análise. Bastar-me há dizer que se nas suas investigações esperimentais sobre o grande simpático e a influencia que a secção desse nervo exerce sobre o calor animal, nos seus estudos sobre o pancreas e sobre a ação do suco pancreatico sobre os fenômenos digestivos, nas suas admiráveis experiencias sobre os efeitos das substancias tóxicas e medicamentosas (experiencias sobre o curare), nas suas lições sobre a fisiologia e a patologia do sistema nervoso, Claude Bernard se revelou como o fisiologista mais notável dos tempos modernos, na sua Introdução à medicina experimental, criando uma filosofia médica a que deu o nome de determinismo, ele se revelou também, não só como um pensador profundo, mas, o que em nada lhe embacia a glória e antes mais lhe realça o brilho, como um escritor primoroso, aliando à extrema lucidez e sobriedade do estilo a mais pura correção e elegante meneio da frase.

Mas, prossigamos.

Villiemin lança a idéia da contagiosidade da tuberculose e, como o mais sólido apoio às asseverações de Villemin, Koch descobre finalmente o verdadeiro agente do contagio, o micróbio patogeno e específico.

Os progressos da medicina em patologia torácica são de perto acompanhados por outros de não somenos importância na patologia e na clínica do aparelho digestivo. O estudo das dispepsias atinge um desenvolvimento imprevisto graça aos trabalhos de Chomel e às pesquisas ulteriores de Germain Sée, Reischmann, Leube, Mathieu e Hayem, chegando ao grau de aperfeiçoamento de que hoje tanto beneficiam a clínica e a terapeutica.

É ver como a análise do suco gastrico, como a aconselham Hayem e Winter, está tão seguramente guiando a mão do médico no formulário, às vezes tão embaraçoso e difícil, das diferentes dispepsias.

A diatação protopática do estomago, (gastretasia) de Bouchard adquire em clinica uma importância considerável e é um primeiro estágio para a constituição definitiva da doutrina das auto-intoxicações.

No capítulo da patologia hepática, Laennee descreve a cirrose atrófica dos alcoolicos. Richard Bright completa o trabalho de Laennee e firma igualmente o seu nome, na história da medicina clínica, como o verdadeiro fundador da patologia renal.

Com um notável trabalho de Hanot entra definitivamente, no quadro da nosologia hepática, o tipo tão bem definido da esclerose hipertrofica do fígado com icterícia crônica; e, com os estudos de patologia experimental de Charcot e Hanot, esclarece-se em grande parte a anatomia patológica do fígado. E, finalmente, atendendo à mutabilidade das diferentes espécies de cirrose, Dieulafoy, para satisfazer às justas exigências da clínica, cria, para os casos intermediários, o tipo tão frequente das cirroses mistas.

Mais além, num outro campo, criam-se novas entidades clínicas, ou no grupo dos distrofias como a esclerodermia e a aeromegalia, ou (provisoriamente talvez) no grupo dos necropatias, como a doença de Parkinson (paralisia agitante).

A eletrologia médica é por assim dizer, uma ciência nova nas mãos de Pfluger, Matteuci, Du-Bois-Roymond. Duchenne de Boulogne, Onimus d'Arsonval, Vigeroux e Charcot. A reação de degenerescencia de Erb (KASZANSZ) esclarece singularmente o prognóstico dos amiotrofias.

O conhecimento das doenças de pele cuja síntese, ainda no começo do último século, tão modesta e humoristicamente se continha na velha e famosa classificação de John Hunter (doenças que o enxofre cura, doenças que o enxofre não cura e doenças que nem o diabo cura) é hoje que o engrandeceram os trabalhos da escola dermatológica de Viena e mormente de Kaposi e Hebra e dos dermatologistas franceses, como Bazin, Hardy, Leloir e Fournier, uma das mais vastas e interessantes especialidades, em que se exerce a profissão médica.

Os progressos da sifiligrafia a que se ligam os nomes de Ricord e Fournier atesta-os grandemente a segurança do diagnóstico e a eficácia do tratamento.

* * *

E — que sei eu? No grupo das doenças parasitarias, Laveran descobre o hematozoario do impaludismo e completa-se o traçado clínico da malaria, abrangendo todas as suas variedades e disfarces, desde o acesso pernicioso até à forma fruste nevrálgica. E, muito recentemente, (há alguns meses apenas), Kock e Patrik Manson surpreendem em flagrante délito de veiculação do mal os seus únicos e verdadeiros agentes de propagação — os anafeles.

Na história clínica das doenças infecciosas, Bretonneau liga o seu nome ao estudo da difeteria e o ilustre e festejado Trousseau à prática da traqueotomia. Loeffler descobre o microbio da doença e Roux e Yersin a sua maravilhosa e eficacìssima terapêutica, uma das mais geniais e benfazejas conquistas do século que findou. Sanarelli, com a descoberta do bacilo icteróide, esclarece em grande parte a patogenia da febre amarela. Eberth descobre o bacilo da febre tifóide, e a sero-reação de Widal rompe vitoriosamente as últimas dificuldades de diagnóstico. Mas não nos esqueçamos, nós outros clínicos, que foi Louis quem, em 1829, deu nome e autonomia própria a esse tipo especial de febre — a febre tifóide — tão característica pelos seus sintomas e lesões específicas, mas até então confundida no caos das febres esses ciais putridas, adinamicas, biliosas e ataxicas, com que os antigos piretólogos tão barbaramente entulharam toda a velha nosologia.

Mas nisto, como em tudo o mais, a ciência progrediu, e dir-se-ia que, neste terreno das pirexias, nos foi dado assistir, nos últimos anos do século que findou, a uma verdadeira e profícua Renascença.

Desde o conceito patogenico da febre, por tanto tempo indeciso entre as doutrinas galenicas e hipocraticas, e que Bouchard, com a visão nítida e penetrante de um homem de genio, conseguiu definitivamente implantar no terreno firme de uma verdadeira e sã filosofia médica, desde a sua noção filosófica até à sua interpretação clínica, quantos progressos acumulados, nestes últimos anos de estudo e de observação criteriosa dos fatos!

A observação clínica, mais rigorosa e exigente, a anatomia patológica, a bactereologia e, quantas vezes também, a própria terapeutica fragmentando, desagregando pretendidas unidades clínicas, consideradas ainda há pouco como indestrutiveis, e cujos destroços acossados por uma crítica mais severa e minuciosa emigram, surpreendidos, para os mais variados capítulos da piretologia moderna.

Mas volvamos o olhar para um outro campo e veremos que, nos domínios da nevrologia, não são menos nem de menor vulto os progressos realizados.

Em anatomia é Gratiolet quem pela primeira vez fixa definitivamente a topografia das circunvoluções cerebrais. Com Magendie, Flourens, Marshall, Hall, Claude Bernard, Vulpian e Brown-Séquard a experimentação fisiológica atinge o supremo grau da delicadeza e perfeição. Em histologia são os trabalhos de Ranvier que nos dão a conhecer a verdadeira natureza da nevrologia e, em nossos dias, a doutrina dos neuronas de Ramon y Cajal e a teoria dos centros de projeção e de associação, de Flechsig, são de natureza a esclarecer-nos sobre muitos dos mais intrincados problemas de fisiologia e de patologia cerebral.

Os estudos cronológicos de Parrot, sobre o cérebro dos recém-nascidos, esclarecendo-nos sobre a ordem que preside ao desenvolvimento das diferentes regiões dos hemisférios, permitem-nos edificar sobre uma base sólida e indestrutivel o princípio da autonomia anatômica e funcional dessas mesmas regiões, da mesma maneira que os memoraveis trabalhos de Duret, sobre a circulação cerebral, serviram de ponto de partida para um mais profundo conhecimento da anatomia patologica do encefalo.

Mas não é só em anatomia e fisiologia que os progressos se acumulam; com estes aproveita também a nevropatologia que, por essa mesma época, adquire em França, na Alemanha e na Inglaterra, um desenvolvimento consideravel. Duchenne de Boulogne cria a paralisia labio glosso laríngea, a atrofia muscular progressiva e dá-nos, em 1858, a primeira descrição exata e minuciosa da ataxia locomotriz progressiva cuja anatomia e patologia é traçada magistralmente, anos depois, por Charcot e Pierret. A paralizia infantil, já descrita pela primeira vez por Duchenne, em 1864, entra definitivamente no grupo nosológico das mielites sistemáticas agudas, graças às investigações anatomo-patológicas de Vulpian, Joffroy e Charcot, Damaschino e Roger. A esclerose em placas, estudada por Erb, na Alemanha, só é cabalmente conhecida, anatomica e clinicamente, depois dos trabalhos de Charcot, Vulpian e Bourneville, em França, que cria a esclerose lateral amiotrofica, uma nova concepção clínica das amiotrofias ultimamente tão bem estudadas têm Erb, Leyden, Landouzy, Déjerine e Mas a obra de CHARCOT prossegue e, mais radiosa e sugestiva. Com Ball nos sobre as artropatias medulares e aul Richer e outros representantes ill da escola da Salpêtriére completa, ma almente, o quadro clínico da histeria. O magnetismo animal, explorado até então em mãos de empíricos e charlatães, entra na sua fase científica, de observação e de estudo e, sob o nome de hipnotismo, com ingresso nas academias e tratados de medicina, vê já em parte codificadas algumas das leis que o regem, nos seus modos de ser diferentes — letargia, catalepsia, sonambulismo.

Os estudos de Charcot e Bouchard, sobre as lesões degenerativas secundarias da medula acabam por elucidar muitos pontos ainda então obscuros da anatomia patológica dos centros nervosos. Finalmente, à história clínica e anatomo-patológica da siringomielia ligam-se os nomes de Oliver d'Angers, Anna Baumler, Rosth, Charcot, Grasset e Brissaud.

E, pelo que resumidamente fica dito, já podemos concluir que a patologia medular foi um dos monumentos mais grandiosos da medicina clínica do século XIX; e o seu mais ilustre obreiro o imortal CHARCOT.

Pelo que diz respeito à patologia do encéfalo, não falando agora da paralizia geral dos alienados, que é o maior título de glória de Bayle e à qual mais tarde me referirei, nem dos trabalhos de Rostan, Durand Fardel e Laborde, sobre o amolecimento cerebral, a descoberta dos aneurismos miliares por Charcot e Bouchard representa um fato científico de uma importância capital, porque nos veio revelar o segredo patogenico das hemorragias cerebrais.

A anatomia, a fisiologia e a patologia do encéfalo progridem notavelmente e, como que condensando tão notáveis progressos firma-se definitivamente a doutrina das localizações cerebrais, a que prestam o apoio da anatomia patológica perto de duzentas observações de Charcot e Pitres, de Bordeaux.

Passando da nevropatologia à psiquiatria vemos que é Pinel e Esquirol que inauguram, ao começar do século, um novo período de reformas e progressos.

A psiquiatria emigra como que humilhada, dos domínios da metafísica e é em França que ela vem receber as suas cartas de alforria, confinando-se no terreno mais seguro da observação e da prática, onde consegue desenvolver-se numa progressão rápida e constante. A Pinel e Esquirol sucede-se uma nova geração de alienistas, Georget, Calmeil, Foville, Delahaye e, maior que todos, Bayle, o glorioso Bayle, o ilustre médico de Charenton que, criando a paralisia geral dos alienados, realiza de uma só vez, em patologia mental, o maior progresso desse século. Falret que, combatendo a teoria das monomanias de Esquirol, chama a atenção dos alienistas para o estudo dos delirios parciais e de certos estados emotivos, que só mais tarde deverão encontrar a sua verdadeira fórmula clínica e a sua sintese patológica nos trabalhos de Laségue, Jules Falret, Magnan e seus discípulos. E então também que Morel, com o seu fino espírito de observação e análise, define clinicamente as loucuras hereditárias e descreve os caracteres físicos e morfológicos do vasto grupo dos degenerados, abrindo em grande parte o caminho às investigações ulteriores de Lombroso e da escola antropológica italiana sobre as anomalias tanto psiquicas, como anatomicas do deliquentes e do criminoso nato. Em 1852 Laségue cria o delírio da perseguição que, com a memória de Foville sobre o delirio ambicioso, é o ponto de partida de um grande número de trabalhos, que mais tarde se condensam no delirio crônico de Magnan. Os trabalhos fundamentais de Bouchard sobre as auto-intoxicações de origem gastro intestinal fazem com que no Congresso Internacional de medicina de 1889 e depois no congresso dos alienistas, em Blois, elas sejam finalmente incluidas, como um fator etiológico importante, nas causas determinantes da loucura.

A lista dos eminentes alienistas que eu citei, seria de justiça acrescentar os de Bailarger, Marcé, Brierre de Boismont, Moreau de Tours, Ball e Legrande du Saulle, em França, Bucknill, Robertson, Conolly, Crichthon Browne e Mawdsley, em Inglaterra, Langermann, Hasse, Griesinger, Westphal, Meynert, Schulle, Kraff Ebbing e Kraeplin, na Alemanha. Virgilio, Sergi, Lombroso e Tamburini na Itália. Mas a inscrição, embora fácil, seria longa e fastidiosa, **j'en passe et des meilleurs.**

Se do terreno da medicina passamos para o campo da intervenção operatória, dois são os fatos capitais que contribuem para a grande soma de progressos realizados na moderna cirurgia e na arte da obstetricia a anestesia e a antisepsia; a anestesia suprimindo a dor e a antisepsia, fechando as portas à infecção.

"Em anatomia é Gratiolet quem pela primeira vez fixa definitivamente a topografia das circunvoluções cerebrais. Com Magendie, Flourens, Marshall, Hall, Claude Bernard, Vulpian, e Brown-Sequard a experimentação fisiológica atinge o supremo grau de delicadeza e perfeição. Em histologia são os trabalhos de Ranvier que nos dão a conhecer a verdadeira natureza da nevrologia e, em nossos dias. a doutrina dos neuronas de Ramon y Cajal e a teoria de centros de projeção e associação de Flechsig são de natureza a esclarecer-nos sobre muitos dos mais intrincados problemas de fisiologia e de patologia cerebral"

Data de 1846 a descoberta das propriedades anestésicas do eter sulfúrico, realizada pelo químico americano Jackson, descoberta de que não tardou a aproveitar-se, nas operações dentarias, o seu compatriota Morton. Vulgarizada na prática cirúrgica de Warren, Bigelow e Hayward, da América passou a Inglaterra e desta para a França, onde Malgaigne a submeteu à apreciação da Academia de Medicina de Paris, nos começos do ano de 1847. Mas meses depois Flourens descobria as propriedades anestésicas do clorofórmio, cujas vantagens apregoadas por Simpson, de Edimburgo, fizeram com que a breve trecho à eterisação se substituisse definitivamente a cloroformisação, embora aquela conte ainda (e particularmente na escola de Lyão) partidários convictos e eloquentes que se baseiam, dizem, na sua superior inocuidade.

E, por isso mesmo que não é absoluta e fundamentalmente isenta de perigos a prática da anestesia cloroformica, explica-se, e bem o motivo porque a cirurgia atual tanto se esmera e aplica em procurar-lhe um sucedaneo de que mais confiadamente se utilize. A anestesia cocaínica, circunscrita, por simples injeção hipodermica, foi um primeiro passo para a descoberta de maior alcance da analgesia, muito mais vasta, determinada pela injeção sub-aracnoidea de cocaína, descoberta cuja prioridade tem sido disputada por americanos e alemães, mas que deve a Tuffier e sua mais ativa propaganda e a sua mais aperfeiçoada técnica.

Mas, a despeito de tudo, o que ainda não está demonstrado é a sua perfeita inocuidade e, porque não satisfaz ainda a todas as exigências de uma anestesia duradoura e profunda, é à anestesia cloroformica que ainda hoje recorrem, na sua prática cirúrgica, os mais eminentes operadores.

Tem além disso o clorofórmio a extraordinária vantagem, pela sua ação difusa e profunda de, em certos casos, como na redução de luxações e da hernia estrangulada, não só suprimir a dor, mas também o embaraçoso obstáculo que a contração muscular tão energicamente opõe aos esforços do cirurgião.

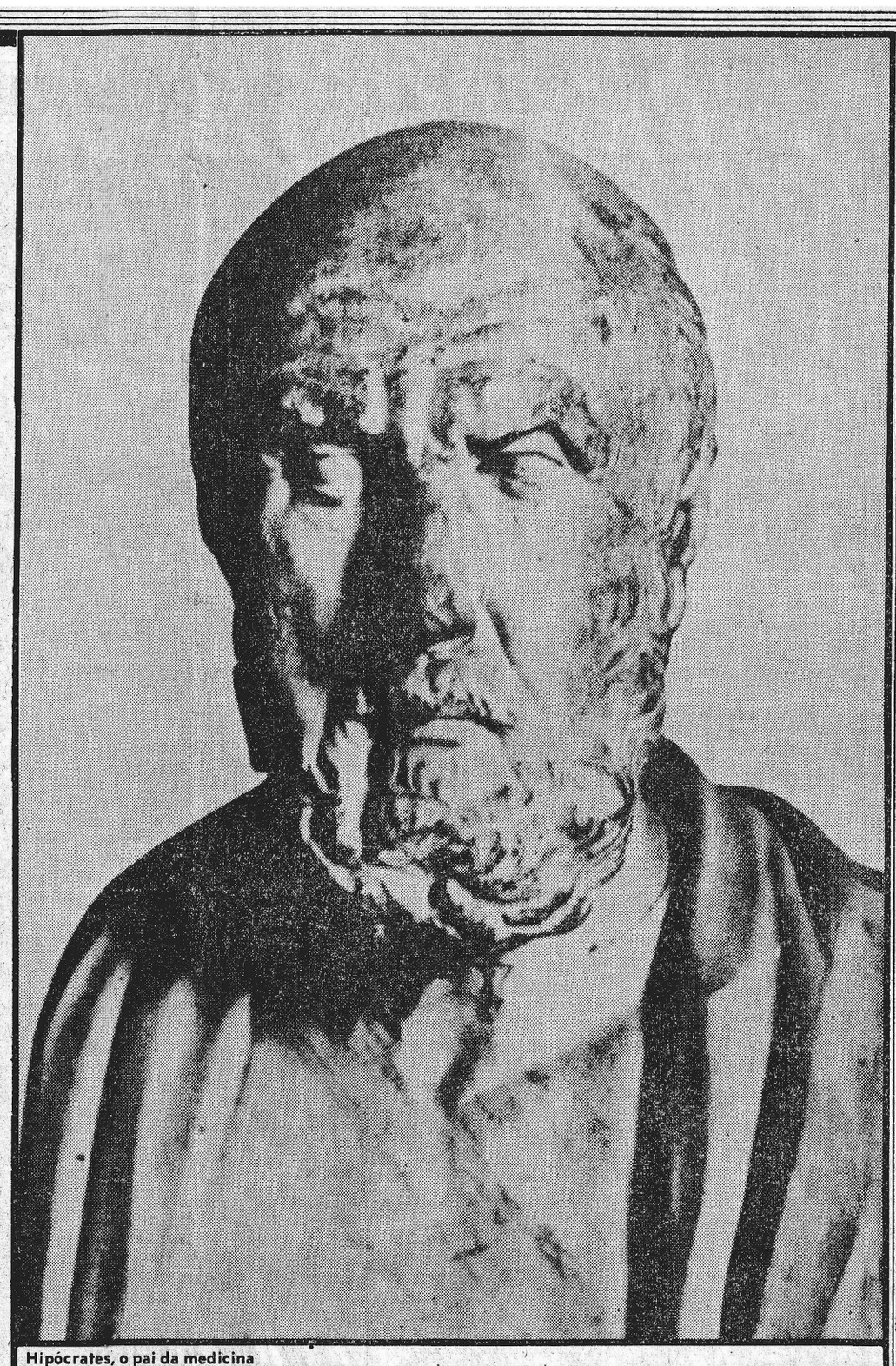
Aos nomes de Morton e Simpson, iniciadores da anestesia na prática operatória, não tardou a juntar-se o glorioso nome de Pasteur, de cujos trabalhos derivam os mais rigorosos princípios de uma perfeita antissepsia.

E, resumindo: um mais profundo conhecimento do organismo humano pelos extraordinários progressos da anatomia e da fisiologia, o aperfeiçoamento dos métodos e processos de hemostase, a anestesia cloroformica e a antisepsia pastoreana deram ampla liberdade à audácia e à iniciativa da cirurgia moderna.

O escalpelo já não tem mais que hesitar; e, na mão firme do cirurgião, já não mais se imobiliza ou comove perante a dor do operando, ou as surpresas imprevistas e os perigos ulteriores do seu arrojo operatório. E, graças à prática antiseptica, introduzida na clínica por Guérin, Lister e Lucas-Championnière, cessaram quase por completo essas medonhas hecatombes hospitalares, por septicemia, piohemia, erisipela e febre puerperal.

A cirurgia atingiu a uma altura que dificilmente excederá. Não há víscera onde o ferro não penetre. Mas não é na sua audácia, mas sim na eficácia dos seus métodos que está a glória e todo o brilho da cirurgia, no século que findou.

Até aqui não temos feito mais do que um rápido e incompleto inventário das principais aquisições práticas da ciência, do começo ao fim do século. Vejamos agora qual a síntese geral que deriva dos dados positivos que a observação e a experiência nos forneceram e quais (muito sumariamente) as idéias culminantes que mais influenciaram a marcha evolutiva das



Hipócrates, o pai da medicina

doutrinas, médicas, do ponto em que as deixaram Pinel, Bichat e Broussais até à constituição definitiva da patologia geral, tão magistralmente compendiada nos trabalhos de Bouchard e seus discípulos.

A quatro se reduzem:

a) teoria dos tecidos elementares e especialização anatômica das lesões, de Pinel e Bichat;

b) noção positiva de relação de causa a efeito entre o órgão lesado e a função alterada; teorias da inflamação e da irritação, que cronológica e logicamente precederam a doutrina da irritabilidade celular de Wirchow;

c) trabalhos de Claude Bernard sobre fisiologia da nutrição, e influência do sistema nervoso sobre os fenômenos nutritivos;

d) teoria celular de Wirchow;

e) doutrina microbiana de Pasteur. Auto-intoxicações de Bouchard.

As três primeiras já as apontámos, no começo deste artigo; vejamos agora, grosso modo, em que consiste a teoria celular de Wirchow.

Foi em 1838 que dois sábios alemães, Schwann e Schleiden, descobriram — o primeiro, nos animais e o segundo, nos vegetais — que existe um elemento fundamental, primitivo, da materia organizada, ao qual chamaram Célula. Era um aditamento à descoberta de Bichat, que se limitava à diferenciação dos tecidos. Este fato, prenhe de consequências, continha em germem toda a teoria celular que tanta influência devia exercer nos progressos da biologia.

O microscopio de Schwann avançou, pois, a solução do problema, mostrando que todos os tecidos são compostos de celulas, que cada celula é uma espécie de organismo particular, e que, na realidade, o corpo humano não é mais do que um agregado de miriadas de celulas, possuindo cada uma a sua individualidade distinta.

A célula nasce, vive e morre; é sujeita a modificações mórbidas particulares e, do mesmo modo que existe uma anatomia e uma fisiologia próprias da celula, ela possui também a sua patologia especial (Bérillon).

É ela o elemento fundamental de todo o tecido normal ou patológico e constitue uma individualidade autônoma, possuindo todas as propriedades essenciais à vida e reagindo contra as impressões ambientes. Todos os fenômenos vitais que observamos, tanto em fisiologia, como em patologia, são decomponiveis em atos celulares.

A celula pode reagir, visto ser dotada de irritabilidade que se manifesta sob três formas distintas, irritabilidade funcional, especial à função de cada celula diferenciada: muscular, nervosa, etc., irritabilidade nutritiva, servindo à sua nutrição, e irritabilidade formativa, correspondente à sua proliferação. Cada celula prolifera por divisão. É parte de uma celula anterior e, pelo fato desta nova concepção, era completamente aniquilada a teoria da creação da celula no seio de um líquido nutritivo, o blastema, como pensava Robin, ou da cristalização organica do protoplasma, como pretendia Schwnn. **Omnnis cellula a cellula.** Tal foi a formula da teoria de Wirchow, que ele desde logo aplicou a patogenia da inflamação, criando assim a patologia celular, que hoje conserva ainda o seu nome.

Mas Wirchow não viu senão as celulas fixas dos tecidos e foi Cohnheim o primeiro que, na inflamação, fez desempenhar um papel preponderante às celulas migradoras, descobrindo a deapedese e pondo no primeiro plano as modificações vasculares para quase perder de vista (exagero em sentido contrário, diz Courmont) a função das celulas fixas dos tecidos.

Como se vê, a patologia celular estava ainda longe de chegar a um acordo completo de doutrinas. Foi necessário que os trabalhos de Chauveau, Bouchard, Charrin, Roger, Roux e Metchnikoff, trouxessem nova luz à discussão e que o conhecimento do mecanismo da infecção e da defesa do organismo conduzissem à uma teoria eclética em que as idéias de Wirchow tomassem o lugar que lhes competia, ao lado da imortal descoberta de Cohnheim (diapedese), completada pelo conhecimento das propriedades bactericidas, glutinantes ou antitóxicas dos humores, chimiotaxismo dos leucocitos, da fagocitose de Metchnikoff, etc., etc. (Courmont).

Quer dizer: a doutrina microbiana de Pasteur veio introduzir na questão elementos que definitivamente a resolvem e esclarecem.

E data daqui um novo período na história da medicina.

Pode-se dizer que a doutrina microbiana nasceu no dia em que PASTEUR, apresentando à Academia das Ciências de Paris o seu memorável trabalho sobre a fermentação lactica, formulou a seguinte conclusão:

"A fermentação é correlativa da vida, da organização dos glóbulos, não da morte ou da putrefação desses glóbulos, do mesmo modo que ela se não revela como um fenômeno de contacto em que a transformação do açúcar se realizaria em presença do fermento, sem nada lhe conceder e sem nada lhe apreender-".(1857).

Tendo de fazer táboa raza de muitas das noções mais dominantes da ciência, tendo de lutar frente a frente com a autoridade prestigiosa de nomes como Liebig, Berzelius e Mitscherlich, Pasteur saiu-se todavia triunfante dessa luta verdadeiramente homérica, e a fermentação passou desde logo a ser considerada como um simples fenômeno de nutrição, um ato puramente vital, exigindo para se efetuar a presença de um microparasita, de um organismo inferior como seu agente indispensável e essencial; isto contra a doutrina puramente hipotética de Liebig e a concepção metafísica de Berzelius de uma força catalítica, ou de contacto. E daqui derivam os seus memoráveis trabalhos sobre as fermentações butirica e lactica e sobre a fermentação do tartrato de cal.

Era, como vamos vêr, a alvorada da moderna bacteriologia.

Convidado a estudar a doença dos bichos de seda, epidemia assoladora que ameaçava pela base uma das maiores riquezas da França, o seu primeiro movimento foi de recusa. Era no momento, diz um dos seus discípulos, em que o resultado das suas investigações sobre fermentos organizados lhe abria uma vasta carreira: no momento em que como aplicação dos seus últimos estudos, ele acabava de reconhecer a verdadeira teoria da fabricação do vinagre e de descobrir a causa da doença dos vinhos; era no momento, enfim, em que depois de ter projetado uma tão viva luz sobre a questão da geração espontanea, os infinitamente pequenos lhe apareciam como infinitamente grandes. Via-os por toda a parte, ou como agentes de decomposição e de desagregação da materia orgânica, ou como os sinistros obreiros da doença e do contágio. Mas Pasteur acabou por ceder e foi; e, poucos anos depois tinha restituido à França a riqueza perdida com a temporária ruina de uma das suas mais importantes indústrias. Tinha encontrado o mal, e o que melhor é, o meio eficaz de o debelar.

A doutrina parasitaria das doenças contagiosas dispunha enfim de um argumento, que a observação e a prática sancionva.

O caminho estava traçado e novas descobertas iam suceder-se com uma rapidez verdeiramente assombrosa, no domínio das doenças contagiosas. A natureza bacteridiana do carbúnculo, ou da pústula malígna, entrevista por Rayer e Davaine, consegue afinal firmar-se sobre uma base segura e experimental. O mesmo para o cólera das galinhas, para cuja virulência descobriu um processo eficaz de atenuação.

Teoria parasitaria das doenças infecciosas; atenuação da virulência; doutrina da imunidade, inoculações preventivas.. Que mais é necessario?

Será preciso recordar o que a humanidade lhe deve com a vacinação anti-rábica? O que seus discípulos têm feito na higiene e na profilaxia das doenças contagiosas?

Fundador de uma escola que reformou em grande parte toda a antiga nosografia clinica, que deu o golpe de misericórdia ao velho empirismo médico e que tão grande abalo produziu em toda a ciência biológica, foi o grande e imortal PASTEUR, de todos os obreiros do passado século, o que mais fundo revolveu o terreno sobre que havia de se edificar, como síntese definitiva da ciência, a moderna patologia geral.

Esta é a obra de BOUCHAR e seus discípulos e é no seu compendioso Tratado sobre as auto-intoxicações que ele estabelece os preliminares da ciência em que tanto se devia ilustrar. Panum, Bergmann, Zülzer, Selmi, Brouardel, Boutmy e outros já em parte se tinham ocupado dos fenômenos de intoxicação determinados pela absorção de produtos pútridos, fabricados pelo organismo humano.

A vida é uma podridão! exclamou em tempos Mitscherlich. É um receptáculo e um laboratório de venenos, diz atualmente Bouchard.

Mas foi incontestavelmente Gautier quem, depois de notáveis e laboriosos estudos sobre o assunto, nos deu melhor a conhecer essa função química tão importante de todos os tecidos animais: a formação incessante de alcoloides, produzidos à custa das materias proteícas, ao mesmo tempo que a urea e o ácido carbônico simultaneamente formados. Atendendo à sua origem albuminoide e para os distinguir de uma outra classe de alcaloides (cadavéricos), as ptomainas, deu Gautier a essas bases alcalinas formadas, em plena vida, nos tecidos animais, em consequência do funcionamento dos seus elementos celulares, o nome de leucomainas, cujo nome já por si define a sua natureza albuminoide.

Foi partindo deste ponto de vista e de idéia de que todos os princípios constitutivos do organismo animal, todos úteis e indispensáveis, podem, num dado momento, tornarem-se verdadeiramente nocivos, quando se encontrem em proporção anormal e que até o próprio oxigênio se pode tornar tóxico e mortífero, é que Couchard estudou a unidade tóxica (a que chamou toxia) dos materiais tóxicos introduzido ou formado no organismo.

O homem, diz, produz incessantemente venenos e, se não se envenena no estado normal, é que se acha premunido contra essa intoxicação com três meios de defesa; 1º as oxcidações intraorgânicas, que destroem certos venenos; 2º o fígado, que os apreende e alguns também destroi o 3º., finalmente, os diferentes emuntorios que em grande parte os eliminam.

E daqui se origina a fundamental doutrina das auto intoxicações.

Não caberia nas estreitas colunas de um jornal a análise, mesmo sumária, da obra de Bouchard.

Bastar-me-á, pois, dizer que o seu principal alcançe e o seu mais notável mérito consiste em ter metodisado o estudo da patologia, restringindo e subordinando a quatro grupos apenas todos os processos patogenicos:

a) alterações prévias da nutrição;

b) distrofias elementares primitivas, sem participação do sistema nervoso ou vascular;

c) reações nervosas patogenas;

d) infecção.

Estabelecida em bases firmes a doutrina patogenica, restava traçar o plano de uma terapeutica metódica e científica e foi o que fez Bouchard, começando desde logo pela seguinte divisão fundamental:

1º — Terapeutica fisiológica, que, sem se ocupar do processo mórbido, se ocupa unicamente em contrariar a evolução da doença.

2º — Terapeutica sintomática, que combate os sintomas embaraçosos, as perturbações funcionais e os acidentes imediatos.

3º — Terapeutica naturista, que reconhece o esforço da natureza para a sua reintegração à saúde e não faz mais que auxilia-lo.

4º — Terapeutica patogenica, que visa a causa da doença e as condições secundárias, que por sua vez se tornaram causa de acidentes consecutivos.

A terapeutica entrou, portanto, num mais seguro e aplanado terreno. A seroterapia antitoxica da difteria e a apoterapia do mixoedema são duas das mais notáveis descobertas terapeuticas do século das quais tantas outras hão de certo dimanar, como o próximo corolário de princípios estabelecidos.

Acho inútil insistir sobre os benefícios que a clínica tem colhido do emprego da quinina, descoberta em 1820, por Pelletier e Caventon, da cocaina descoberta por Niemann, da cafeina, descoberta por Range e da digitalina descoberta por Homolle e Quevenne, e de tantos outros alcaloides e glucosides de que a medicina se utiliza, com mais ou menos proveito. Não falarei igualmente dos agentes físicos empregados em terapeutica: mecanoterapia, medicina vibratória, ou sismoterapia. fototerapia de Finsen, etc., etc.

Mas além da terapeutica, dos princípios e doutrinas médicas, que a ciência nos ensina, alguma coisa mais existe que a moral nos preceitua e que, se não está nos compêndios, é no coração que a encontramos, não como simples víscera, obedecendo cegamente às leis da fisiologia, mas como a parte mais nobre do nosso próprio ser, e donde irradiam, como de um santo e preciosissimo sacrário, o culto pelo bem, a comiseração e a piedade pela dor alheia e os mais retos sentimentos de dedicação e altruismo, fazendo do exercício da profissão um verdadeiro sacerdócio e quase que uma religião.

Quantos não são, na verdade, os que, sacrificando-se ou pondo em risco a própria vida, deram o alevantado exemplo da mais nobre compreensão do dever e do mais extremado culto pela ciência? Desgenettes, inoculando-se a peste, Peter a difteria, Le Goff, dando o seu sangue e morrendo, num dos primeiros ensaios de transfusão, Herbelin, aspirando as falsas membranas do croup, Bochefontaine, ingerindo o bacilo da cólera, Thullier, vitimado numa epidemia do Egito, e, tão perto de nós ainda, a morte valorosa e estoica do bacteriologista Pestana, incluindo um nome a mais, e não dos menos ilustres, no glorioso martirologio dos verdadeiros homens de ciência, durante o século que findou!

E que a prática da medicina conta ao lado da ciência com um elemento afetivo que não só mais a nobilita, como muitas vezes, também, lhe sugere a mais eficaz das terapeuticas, quando, como diz Auber, ela abandona, desarmada, os meandros agitados dos órgãos para penetrar serena e consoladoramente nos horizontes, mais límpidos, do coração humano.

Uma palavra que acaricia e afaga; um misterio ou segredo que só o sentimento aclara e o coração advinha e do qual não raras vezes depende a salvação do doente.

Já assim o compreendera Hippocrates. E, se não, é ve-lo junto ao leito do filho de Filippe da Macedonia, que uma febre pertinaz vai lentamente minando.

Desolado e absorto perante o espetáculo da indomável doença, o velho e glorioso médico, o olhar fixo no enfermo, reflete, medita e inquire. Estuda-lhe os movimentos, observa-lhe o facies, escuta-lhe os gemidos e as queixas, e até, nos menores detalhes, lhe espia os geitos e atitudes. Mas nisto Phila, formosa e esbelta, entra no quarto e estaca! As suas roupagens mal disfarçam as graciosas curvas do seio. Os seus braços arqueiam-se num carinhosos gesto de piedade e mágua e tanto basta para que num meigo sorriso desde logo ilumine o facies transtornado do enfermo. A sua voz, de velada e dolente, já passa a modular-se com maior calma e firmeza e o seu ancioso olhar ora interroga o prático, ora se prende a Phila, a donairosa moça, que bem de perto o contempla. A uma palavra mais terna que os labios dela desprendem, logo o doente se anima e um indiscreto rubor lhe tinge as descarnadas faces.

Ri ruidosamente o velho e malicioso Hippocrates, e, como se de pronto achasse a solução de um problema. Lá se foi, todo açodado, coçando a hirsula barba, dizer ao desolado pai que era apenas de amor o mal a que o chamavam e que amor não é com drogas, mas com a união que se cura.

Consentindo o enlace e marcado o dias às bôdas, curou-se e não mais sofreu o languido e amgroso príncipe.

E que há (e perdoem-me o metafísico do conceito) uma medicina para a alma como a que há também para o corpo, e que uma e outra se fundem, no exercício da profissão.

Pois bem! Em qualquer terrenos que nos coloquemos, ou no ponto-de-vista da prática, ou no ponto-de-vista da ciência, a medicina do século XIX, pelo extraordinário brilho com que se aureolou na prática profissional, pelos progressos realizados e pelo horizonte que desvenda à medicina vindoura, bem permite que ainda hoje possamos repetir a frase de Bouchar e, com ele, dizer bem alto que, na verdade, **il fait bon de vivre quand on s'interesse aux choses de la mèdecine.**